
“Não, eu não estou perdida”: comunicação científica e produção de conhecimento de mulheres negras¹

Célia Regina da SILVA²
Universidade Federal do Sul da Bahia, Porto Seguro, BA

RESUMO

Este artigo resulta de investigação científica sobre a participação de mulheres negras na produção de conhecimento científico, no âmbito da UFSB. Para tanto, analisa o uso da comunicação científica e sua contribuição para a disseminação dos resultados obtidos. As teorias feministas, os estudos de gênero e da comunicação científica subsidiam o texto. Como resposta, obteve-se panorama geral sobre nove (9) experiências, suas formas de articulação e interação midiática. Constatou-se que a falta de motivação, de estímulos institucionais e de recursos financeiros são as causas principais para a pouca visibilidade dessas produções científicas.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação científica; mulheres negras; produção do conhecimento; redes sociais; mídia negra.

INTRODUÇÃO

As mulheres dominam mais de 70% da produção científica nacional, mas ainda enfrentam problemas de gênero, conforme dado levantado pela Organização dos Estados Ibero- Americanos (OEI). Este avanço no aumento da produção de conhecimento feminino pode estar relacionado com as políticas públicas de inclusão social, resultado das reivindicações dos movimentos sociais, em especial, da luta feminista por igualdade de gênero e raça. Por sua vez, as políticas públicas de ações afirmativas contribuíram para o significativo aumento da presença deste grupo nas universidades públicas. Todavia, o percentual de mulheres pretas e pardas doutoras professoras de programa de pós graduação é inferior a 3%. Quanto a distribuição de bolsas de produtividade, apenas 7%.

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação Antirracista e Pensamento Afro diaspórico XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Docente do Curso de Jornalismo da Universidade Federal do Sul da Bahia; email: celregis@gmail.com

A invisibilidade das mulheres negras como protagonistas de processos acadêmicos e científicos impacta toda a sociedade, já que a sub-representação das mulheres negras na audiovisualidades comunicacionais está diretamente ligada a cisheteronormatividade e ao racismo, duas formas de discriminação que são fundantes da sociedade brasileira. Neste sentido, torna-se urgente a revisão sobre a participação das mulheres negras nos espaços de poder acadêmico, intelectual, midiático, hegemonicamente, dominado por homens brancos. No entanto, a despeito dos desafios enfrentados por questões básicas de sobrevivência, as mulheres negras lutaram ao longo da história para garantir direitos e participação social. Na contemporaneidade, a produção de narrativas (epistemológicas, científicas, culturais, literárias) tem se apresentado como campo fértil na construção de conhecimento, assim como na manutenção e reprodução de convenções sociais sobre raça, classe, gênero.

Haja vista que, nós, intelectuais negras, somos minoria no corpo docente das instituições públicas de ensino superior, conforme estudo apresentado por SILVA (2010), intitulado “Doutoras Professoras Negras: O que dizem os indicadores oficiais”, revela quadro acentuado de desigualdade docente no país: até o ano de 2005 haviam 63.234 doutores (homens e mulheres) que atuavam na educação universitária. Destes, apenas 251 eram mulheres negras. Para a autora, este número é ínfimo se comparado com o montante de 25.243 mulheres docentes com formação de doutorado ou acima, no mesmo período. Essas assimetrias impactam de maneira incisiva a produção intelectual, na medida em que as disputas, tanto de narrativas como de apoios financeiros, são reproduzidas e acentuadas pelo racismo estrutural e o sexismo nas escalas de poder das instituições, como apontado por bell HOOKS (1995, p. 466) assinala que devemos atentar para “o impacto dos papéis sexuais, do sexismo” e do racismo na valorização da intelectualidade das mulheres negras.

O título deste texto tem inspiração na frase, que tem sido dita repetidas vezes por Alona L. King, estudante de Ciências da Computação da Universidade de Stanford, em resposta à pergunta de colegas (se está perdida?), surpresos com a sua presença nos corredores do prédio onde estuda³. O fato de ser mulher e negra parece acentuar a curiosidade e o estranhamento para a sua presença na área de TI (Tecnologia da Informação) dos corredores universitários. O exemplo de instituição de ponta nos EUA ilustra parte dos problemas encontrados por muitas mulheres, em especial, negras, ao transitarem em

³ Não, eu não estou perdida”

<http://minasprogramam.com/nao-eu-nao-estou-perdida/>

espaços das chamadas “ciências duras”. A invisibilidade que perpassa as contribuições civilizatórias africanas, especialmente, a das mulheres negras na formação social brasileira está relacionada com o preconceito e a desigualdade. Desde sempre a área das Ciências tem sido considerada reduto masculino, em que a participação das mulheres costuma ser subjugada, quando não subutilizadas, de modo que seus feitos, nem sempre recebem a devida atenção ou prestígio. Em direção oposta, acentua-se a chegada de mulheres aos cursos universitários por meio das políticas de ações afirmativas e de bolsas como o PROUNI e FIES. Elas hoje, já “ultrapassam em números absolutos a quantidade de homens nas universidades brasileira.⁴”. Neste sentido, as pautas sobre temáticas de gênero, raça e classe emergiram em discursos renovados, apoiados pelas TICs, possibilitando o ganho de novos contornos nas disputas de narrativas, ascendendo à demanda por diversidade e por multiplicidade de vozes em plataformas digitais.

Dessa forma, o feminismo negro ganhou novos contornos, ascendendo à demanda por diversidade e por multiplicidade de vozes em plataformas digitais. Todavia, no campo do conhecimento, desde pesquisas acadêmicas, passando pela mídia, a participação das mulheres negras na luta e nos processos de resistência à opressão racial e de gênero, assim como na produção do conhecimento, não mereceu a atenção devida.

Portanto, faz-se necessário a compreensão dos impactos das novas tecnologias sobre a educação e a comunicação neste cenário em radical mudança. Neste sentido, a criação de blogs, sites, podcasts, de páginas de compartilhamento no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* são formas bastante didáticas de promover a circulação de ideias e conhecimentos tanto para a comunidade acadêmica, como para comunidade externa sobre os conhecimentos desenvolvidos “dentro” do espaço acadêmico por pesquisadoras negras.

A despeito dos desafios enfrentados por questões básicas de sobrevivência, as mulheres negras lutaram ao longo da história para garantir direitos e participação social. Na contemporaneidade, a produção de narrativas (midiáticas, literárias, científicas) tem se apresentado como campo fértil na construção de conhecimento, assim como na manutenção e reprodução de convenções sociais sobre raça, classe, gênero. Nesta breve exposição buscamos refletir sobre as especificidades das mulheres negras que, enquanto

⁴ **NOTA TÉCNICA**

**Avaliação sobre a adoção de vagas supranumerárias para mulheres
(Inciso II do Art. 3º da Resolução 10/2018)/UFSB/2020**

também autoras e produtoras de conhecimento científico, seguem com sub-representação neste contexto de atuação profissional. O texto está dividido em três partes: na primeira, destino reflexão sobre a participação das mulheres negras na produção do conhecimento. Em segundo, apresento discussão sobre o papel da mídia na interlocução dos processos científicos. Em terceiro, recorro ao debate sobre produção científica e as desigualdades de gênero.

METODOLOGIA

Este texto se propôs analisar os usos, formas e experiências da comunicação científica por pesquisadoras negras na Universidade Federal do Sul da Bahia (UFSB), considerando: 1) A importância da produção, disseminação e uso da informação na divulgação de descobertas científicas; 2) O papel que elas desempenham tem a ver com a produção de novos saberes e referências positivadas no combate ao silenciamento do racismo e na perpetuação de estereótipos; 3) O reconhecimento da participação de mulheres negras como produtoras de conhecimento científico. A metodologia utilizada baseia-se em entrevistas (on-line) com pesquisadoras (docentes e estudantes da graduação e pós-graduação), além da leitura de bibliografia específica. Para tanto, foi feito levantamento bibliográfico sobre trabalhos, artigos e textos que abordam a participação de pesquisadoras negras e indígenas nos espaços acadêmicos. Em seguida, buscou-se nomes de pesquisadoras entre os Grupos de Pesquisa e nos Programa de Pós Graduação da Universidade. Por fim, foi feita a elaboração dos questionários com perguntas objetivas e discursivas, e depois sua aplicação via *google forms* e posterior análise.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

As reflexões apresentadas ao longo deste trabalho estão subsidiadas pelas teorias feministas, os estudos de gênero e da comunicação científica., tais como CARNEIRO (2003); GONZALEZ (1984); HOOKS, (2013); TARGINO (2014). Cumpre ressaltar que a investigação sobre comunicação científica é de extrema importância para entender em que medida vêm ocorrendo rearticulações a partir de sua atuação com vistas à comunicação de informações científicas para o público leigo e não leigo. As mulheres dominam mais de 70% da produção científica nacional, mas ainda enfrentam problemas de gênero, conforme dado levantado pela Organização dos Estados Ibero-Americanos (OEI). Este avanço no aumento da produção de conhecimento feminino pode estar relacionado com as políticas públicas de inclusão social, resultado das reivindicações dos movimentos sociais e da luta feminista por igualdade de gênero e raça. As políticas

públicas de ações afirmativas contribuíram para o significativo aumento da presença deste grupo nas universidades públicas. *A invisibilidade das mulheres negras como protagonistas de processos acadêmicos e científicos impacta toda a sociedade, já que a sub-representação na produção de conhecimento científico está diretamente ligada a cisheteronormatividade e ao racismo estrutural, duas formas de discriminação fundantes da sociedade brasileira.* Neste sentido, torna-se urgente a revisão sobre a participação destas mulheres nos espaços de poder acadêmico, intelectual, midiático, hegemonicamente, dominado por homens brancos.

ANÁLISE/ CONTRIBUIÇÕES DA PESQUISA

Nos últimos anos, vê-se a incidência, a mudança de lugares na produção discursiva com ascensão de mulheres negras, que saem da condição de objeto de estudo para se tornarem protagonistas intelectuais de suas próprias histórias.

A Universidade Federal do Sul da Bahia se caracteriza por ser instituição que aplica políticas públicas de inclusão, tais como as Ações Afirmativas para discentes e docentes. Além das vagas para estudantes de escolas públicas previstas na Lei de Cotas (Lei 12.711/2012, alterada pela Lei 13.409/2016), a UFSB oferece vagas supranumerárias para o ingresso de estudantes indígenas, quilombolas, ciganos, travestis, transexuais e transgêneros. Além dessas iniciativas, conta com um Comitê de Acompanhamento de Política de Cotas e um Observatório de Gênero para citar políticas institucionais que abordam a temática de gênero e raça.

Em síntese, observa-se que, em relação ao acesso aos cargos de poder, na maior parte das vezes, exercido por homens brancos, aparece, em contraponto para a média geral, que entre as pesquisadoras 56,6%, possui cargo de chefia, como coordenação de curso, gestão de escola municipal, coordenação pedagógica, coordenação de projeto de instituto federal, vice coordenação do Programa de Pós Graduação em Educação e Relações Étnico Raciais (PPGER) e coordenação de escola particular. Quanto à participação em atividades acadêmicas de pesquisa, observa-se que 77,8% das entrevistadas está envolvida com a coordenação de grupos de pesquisa, projetos de iniciação científica e projetos de extensão. Em relação ao uso das ferramentas tecnológicas, os números apresentados indicam que cinco (5) dessas mulheres usam regularmente as redes sociais para divulgação dos seus trabalhos como pesquisas e textos. Salienta-se que as redes sociais

tem sido fundamentais para a divulgação científica⁵. Já em relação as discriminações, os dados revelam que 44,4% sofreram discriminação no mercado de trabalho praticada por colega do sexo masculino; mesmo valor 11,1% para violências pela questão da raça.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Destaca-se que a chegada de mais mulheres negras à universidade e o feminismo negro na cultura digital possibilitaram o ganho de novos contornos nas disputas de narrativas, ascendendo à demanda por diversidade e por multiplicidade de vozes em plataformas digitais. Portanto, faz-se necessário a compreensão dos impactos das novas tecnologias sobre a educação e a comunicação neste cenário em radical mudança.

Neste sentido, a criação de blogs, sites, podcasts, de páginas de compartilhamento no *Facebook*, *Instagram* e *Twitter* são formas bastante didáticas de promoção da circulação de ideias e conhecimentos, tanto para a comunidade acadêmica como para comunidade externa sobre os conhecimentos desenvolvidos “dentro” do espaço acadêmico por pesquisadoras negras. Como resultado, obteve-se panorama geral dos arranjos estudados, com a análise inicial das formas de articulação e interação midiática de nove (9) pesquisadoras. Constata-se que a falta de motivação, de estímulos institucionais e de recursos financeiros são as causas principais para a pouca visibilidade da produção científica destas pesquisadoras.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRAFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; LUCINA, Viana. Netnografia como Aporte Metodológico da Pesquisa em Comunicação Digital. Disponível em: <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/view/4829/3687> Acesso: 20/06/2024

AQUINO, Estela ML. Gênero e Ciência no Brasil: contribuições para pensar a ação política na busca da equidade. In: Brasil. Secretaria Especial de Políticas para as Mulheres. Encontro nacional pensando gênero e ciência: núcleos e grupos de pesquisas. Brasília, 2006. P. 11-18. Disponível em: <<http://www.spm.gov.br/sobre/publicacoes/publicacoes/2006/encontro-genero.pdf>>. Acesso em: 20/06/2024.

ARAÚJO, Carla. A História das Mulheres na Ciência. In: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/15509-a-hist%C3%B3ria-das-mulheres-na-ci%C3%Aancia>. Acesso 20/06.2024.

_____. A História das Mulheres Cientistas no Brasil. In: <http://www.multirio.rj.gov.br/index.php/leia/reportagens-artigos/reportagens/15510-a-hist%C3%B3ria-das-mulheres-cientistas-no-brasil>. Acesso 20/06/2024.

BARROS, Carla. F. Pobreza e Tecnologia no Olhar do Outro: representações sobre diferenças culturais. In: XX ENCONTRO DA COMPÓS, Porto Alegre. Anais. Porto Alegre, 2016.

⁵ <https://www.abecbrasil.org.br/novo/2020/12/editora-fala-sobre-uso-das-redes-sociais-na-divulgacao-cientifica>

- BRAH, Avtar. Diferença, Diversidade, Diferenciação. *Cadernos Pagu* (26), janeiro-junho de 2006. Disponível em: www.scielo.br, acesso em 20/06/2024.
- CARIBÉ, R. C. V. Comunicação científica para o público leigo no Brasil. 319 f. 2011. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, UNB, 2011.
- _____. Comunicação Científica: reflexões sobre o conceito. *Inf. & Soc.:Est.*, João Pessoa, v.25, n.3, p. 89-104, set./dez. 2015.
- CARNEIRO, Sueli. Enegrecer o Feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. In: ASHOKA EMPREENDEDORES SOCIAIS; TAKANO CIDADANIA. (Org.). *Racismos Contemporâneos*. Rio de Janeiro: Takano Ed., 2003. p. 49-57. (Coleção valores e atitudes. Série Valores; n. 1. Não discriminação).
- CORREIA, Carol. Mulheres Negras na Ciência. IN; <https://conexao.ufrj.br/2021/02/mulheres-negras-na-ciencia/> Acesso: 20/06/2024.
- FRAGOSO, Suelly; RECUERO, Raquel; AMARAL, Adriana. Métodos de pesquisa para internet. Porto Alegre: Sulina, 2013.
- GONZALEZ, Lèlia. Racismo e Sexismo na Cultura Brasileira. In: *Movimentos sociais urbanos, minorias étnicas e outros estudos*. Brasília: ANPOCS, 1983.
- HOOKS, B. Ensinando a transgredir: a educação como prática da liberdade. São Paulo: Martins Fontes; 2013.
- _____. Intelectuais Negras. *Revista Estudos feministas*. Nº2/95. vol.3. 1995.
- LEMOS, André. Ciber-Socialidade. Tecnologia e Vida Social na Cultura. <http://www.facom.ufba.br/pesq/cyber/lemos/cibersoc.html>.
- NATANSOHN, Graciela. Internet em Código Feminino. Teorias e práticas. Ciudad Autónoma de Buenos Aires : La Crujía, 2013. - (Futuribles; 0) E-Book.
- OROZCO GOMEZ, Guilherme. Educação mediática ressalta o potencial de expressão dialógica das tecnologias. *Entrevista* concedida a Adilson Citelli e Roseli Figaro. Matrizes. São Paulo. Ano 3 – n ° 2 jan./jul. 2010.
- SILVA, Joselina. Doutoradas professoras negras: o que nos dizem os indicadores oficiais. *Perspectiva*, 28(1), 19–36.
- TARGINO, Maria das Graças & TORRES, Nilza Holanda. Comunicação Científica. Além da Ciência - Ação Midiática- Estudos em Comunicação, Sociedade e Cultura - Nº 7 - Ano 2014